

MACHADO DE ASSIS E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UMA LEITURA SOB O VIÉS DA CRÍTICA LITERÁRIA

*Elen Karla Sousa da Silva**
*Sebastião Marques Cardoso***

RESUMO:

Iremos, neste artigo, abordar a literatura de Machado de Assis, no que se refere à discussão sobre literatura afro-brasileira, com base nos estudos de Eduardo de Assis Duarte, expostos no livro “Machado de Assis: afro-descendente”. Consideramos ser pertinente relacionar a literatura machadiana da literatura afro-brasileira. Nosso maior interesse será refletir sobre o destaque do negro na escrita machadiana. Conforme aponta o crítico Eduardo de Assis Duarte, o escravo, em Machado, não é protagonista, e sim, figurante, apesar de na juventude, em alguns textos, ter colocado, mesmo que de forma trágica, a mulher como protagonista. Avaliaremos, assim, que a escrita de Machado não defende o racismo, através da estereotipação negra. Contrariamente, sua narrativa realiza uma denúncia ao racismo, ao relatar as relações dissonantes entre senhores e escravos, e as tiranias cometidas contra os negros, permitindo uma visão crítica sobre o choque sócio-histórico e a relação subalterna dos descendentes de africanos no Brasil.

Palavras-chave: Literatura Afro-brasileira; Crítica Literária; Machado de Assis.

Considerações iniciais

Duarte (2007) se empenhou num amplo estudo e releitura da narrativa machadiana, com o intuito de reunir e dar maior visibilidade às expressões de afrodescendência,

* Mestre em Letras, com área de concentração em Estudos do Discurso e do Texto pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Professora substituta da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

** Doutor em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Professor de Teoria Literária do Departamento de Letras Estrangeiras. Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

perceptíveis nas obras em que o autor faz referência à escravidão ocorrida no Brasil, por volta do século XIX.

Creemos que os fatores para as escolhas destas narrativas afro-brasileiras são inúmeras. Um deles constituiria a representação do negro no texto literário. Outro fator diz respeito à cor da pele do autor, que expressaria um ponto de vista negro e brasileiro, caso o autor admitisse sua negritude abertamente.

A proposta deste trabalho é abordar a literatura de Machado de Assis no que tange à discussão sobre literatura afro-brasileira, com base nas pesquisas de Eduardo de Assis Duarte, publicadas no livro “Machado de Assis: afro-descendente”. No referido livro, Eduardo de Assis Duarte também aborda o envolvimento do escritor com o combate em prol do término da escravidão.

Conforme Duarte (2007), Machado de Assis é apresentado de duas maneiras. Primeiramente, o autor nos esclarece que ele administrou um órgão do governo federal que garantia a execução da Lei do Ventre Livre. Ele desempenhou com comprometimento sua função de cidadão responsável, seguindo o princípio que alforriava os filhos de escravos. No que pertence à função emissária das letras, Duarte destaca Machado como um pensador que exhibe a condição dos afro-brasileiros de maneira a despir o rigor do regime escravista e patriarcal.

O perfil literário de Machado fez-se tão ocidental que acabaria deixando suas marcas na imagem pública construída ao longo do tempo e até mesmo na aparência física, transformada em efígie emblemática do processo de branqueamento identitário (DUARTE, 2007, p. 7).

A Revista Carta Capital, por meio de uma entrevista a Eduardo Assis Duarte, rememora-nos o episódio do comercial da Caixa Econômica Federal que apresentava Machado de Assis embranquecido. E indagaram a Duarte sobre o que evidenciava Machado de Assis como um autor afrodescendente, e se existia um empenho da crítica para uma minimização desse fato. Duarte (2016) se manifestou da seguinte maneira:

É um problema. Há um esforço histórico no Brasil de embranquecimento de Machado de Assis. Quando Machado morre, em 1908, foram emitidos dois documentos. O primeiro é um atestado de óbito que afirma que ele é branco. Mas a máscara mortuária, tirada no mesmo dia, expressa com toda nitidez seus traços de afrodescendente. O episódio da Caixa Econômica é apenas mais um capítulo e deve-se destacar, inclusive, a pronta intervenção dos órgãos governamentais que, sensíveis às milhares de mensagens de protesto surgidas na internet, logo se desculparam e substituíram o comercial. Os romances machadianos recusam o panfletarismo e o imediatismo da luta política daquela época e adotam a “poética da dissimulação”, conjunto de procedimentos em que a ironia é apenas a ponta do iceberg. Muitas vezes, para falar do negro, Machado fala do branco.

Machado de Assis sempre se opôs à escravidão, entretanto, existia um acanhamento quanto ao emprego de uma escrita panfletária no texto literário. Contudo, em alguns textos, protegia-se utilizando pseudônimos. José Galante de Sousa, estudioso da escrita machadiana, assinalou 23 pseudônimos em escritos de Machado de Assis.

É fato que parte da crítica brasileira, considera o escritor alienado sobre os problemas sociais de seu período, principalmente à condição escravista dos afro-brasileiros, que persistiu ao longo de sua existência.

Notas sobre a literatura negra ou afro-brasileira

De acordo com Eduardo Assis Duarte, a literatura afro-brasileira é um processo de devir. Organizam-se a partir de textos que expõem linguagens, autores, temas, sobretudo com um enfoque culturalmente identificado com a afrodescendência. Sua presença sugere redirecionamentos, suplementos e recepções de significação à história literária canônica (LITEAFRO, 2008).

A literatura afro-brasileira possui um espectro amplo que a constitui: estratégias, autores, temas, e, principalmente, enfoque identificado com a afrodescendência. No texto *Literatura e Afro-descendência*, Eduardo Assis Duarte (LITERAFRO, 2008) busca as distinções e afinidades entre os escritos produzidos por autores negros e brancos. Assis Duarte inicia com os dizeres de Roger Bastide: “não há, na aparência, distinção essencial nas

produções dos brasileiros brancos e de cor. Mas não passa de aparência, que dissimula os contrastes reais. Bastide insinua diferenças reais circundadas sob os textos produzidos por negros e brancos, sem aparentes distinções. Eduardo de Assis Duarte delimita a literatura afro-brasileira como “literatura negra” ou “afro-brasileira” que passa fundamentalmente pelo estremecimento da noção de uma identidade nacional única e coerente” (LITERAFRO, 2008).

Essa ausência seria a causa de inúmeras falhas na história literária brasileira que rejeitaria “muitas vozes, hoje esquecidas ou desqualificadas, quase todas oriundas das margens do tecido social” (idem). O aspecto branqueador teria excluído os encadeamentos textuais ou autorais com descendência africana, suscitando a noção de miscigenação pela aniquilação da cor negra.

O desaparecimento desses textos da história da literatura ou o desligamento da afrodescendência do autor ou da escrita, deriva na carência de produções literárias que concretizem as pesquisas sobre literatura afro-brasileira no Brasil. Segundo Duarte, no passado e no presente, em consequência da quantidade ainda escassa de pesquisas e estudos a respeito, embora seja gradativo o impulso nesse caminho. A carência de uma anuência crítica intensa e atual, procede desses elementos. Como decorrência, permanece ileso o véu do silêncio que induz ao desconhecimento coletivo e vitima grande parte dos escritores em questão (DUARTE, LITERAFRO, 2008).

Sobre o silenciar, conforme a introdução de Maria do Carmo Lanna Figueiredo e Maria Nazareth Fonseca (FONSECA, 2002), constituiria o segregamento do mercado editorial de obras literárias, da qual os textos se transformam em áreas de resistência dos negros. Infrequentes são as emissões consagradas como os *Cadernos Negros*¹, com cerca de três décadas de existência.

De outro modo, a partir de 1980, a historiografia literária vem debatendo os métodos, o *corpus* e as hipóteses, com base nos pensamentos advindos dos movimentos ne-

¹ A princípio apenas com a designação de Cadernos Negros, atualmente a publicação se intitula Cadernos negros: poemas afro-brasileiros e contos afro-brasileiros.

gros, do feminismo e de grupos, bem como o Quilombohoje. Assis Duarte menciona os primordiais, que fazem parte desse conjunto de pesquisadores: Moema Parente Augel, Domício Proença Filho, David Brookshaw, Oliveira Silveira, Zilá Bernd, Oswaldo de Camargo, Luiza Lobo, Leda Martins.

Partilhando das ideias de Duarte, uma das barreiras para a construção de uma literatura afro-brasileira consistiria: nossa constituição mestiça, em que limites de cor perdem diversas vezes qualquer efeito. As relações interétnicas e inter-raciais formam um fenômeno respectivo à própria constituição do Brasil. No decorrer de nossa história, a questão da miscigenação e cultura recebeu variados tratamentos, passando da fantasia de uma terra sem desordens à alegoria de uma democracia racial, sob outra perspectiva, da reprovção racialista peculiar do século XIX ao fundamentalismo de vários elementos hodiernos, que recusam a mestiçagem e abrigam a existência de uma aceitável essência racial negra, por outro (IDEM).

Segundo Assis Duarte, acrescentando os parâmetros identitários ou étnicos ao da nacionalidade, “nossa literatura seria uma só”, visto que “somos todos brasileiros”. E se todos somos “um pouco” afrodescendentes, esse conflito não teria sentido. A literatura afro-brasileira nem mesmo seria uma noção em construção, e efetivamente, noção alguma com fundamento.

Rompendo com a invisibilidade da literatura afro-brasileira, as ações sociais do negro, no Brasil, em 1970, acusa abertamente as situações de vivência do negro no Brasil. Precisamente na data de 25 de novembro de 1978, a citada coletânea *Cadernos Negros* é publicada, no intuito de suplantiar a geração mimeógrafo e, em 2007, festeja com a edição do trigésimo volume a inserção na discussão a respeito da discriminação, do racismo e do preconceito racial. Outra particularidade dos *Cadernos Negros* é a publicação grupal, como método de resistência análoga àquela utilizada nos quilombos, com a intenção de proporcionar “visibilidade dos autores e de textos afros” (RIBEIRO, 2007, p. 11).

A literatura afro-brasileira ou literatura negra é uma fala não apenas de defesa da igualdade racial e das manifestações sociais de matriz africana, mas da inclusão do olhar

do escritor negro na arte literária e no mercado editorial em nosso país. Esta expressão literária surge na década de 1940, com a articulação de movimentos como o teatro experimental do negro, e a partir de então, a produção de autores negros foi se destacando, posicionando-se politicamente até o amadurecimento de uma geração de autores produzindo.

Para a literatura negra não existe um conceito fixo, no entanto, podemos afirmar que é uma produção literária em que o sujeito da escrita, assim como o objeto da escrita é o próprio negro, homens e mulheres que criam seus textos literários a partir de uma subjetividade negra. Há uma experiência negra brasileira, que é diferente de uma experiência de ser branco no Brasil, que é diferente de ser africano no Brasil, e como base nessa experiência, que parte de um lugar, de uma vivência, de uma ancestralidade, em que essas histórias são construídas.

A literatura negra não é um fenômeno africano, pois as literaturas africanas, principalmente as literaturas de língua portuguesa, são de países muito jovens, empenhados ainda em fixar uma literatura angolana, uma literatura moçambicana, por exemplo. A literatura negra é um fenômeno da diáspora negra, sobretudo nas três américas, é um fenômeno que inicia nos Estados Unidos, na década de 1920, passa pelo Caribe, em 1930, é exportada para a França na década de 30, com o movimento da negritude² francesa, e chega ao Brasil, em 1940, com o teatro experimental do Negro do Abdias Nascimento; em suma, é um fenômeno de expressão da subjetividade negra e da experiência negra em um país culturalmente dominado pelo poder branco.

² Negritude, *Négritude* em francês foi o nome atribuído a uma corrente literária que incorporou autores negros francófonos e uma ideologia de reconhecimento da cultura negra em países africanos ou com povos afrodescendentes significativas, que foram mártir da opressão colonialista. A condição de negritude é completamente distinta da posição negrista. Ao passo que a primeira é uma atitude de valorização do povo negro enquanto ser indivíduo e humano, a segunda adquire, revela um olhar estereotipado. “A negritude foi, a princípio, tomada de consciência da originalidade do pensamento africano, e a descoberta de uma nova nobreza. Desse ponto de vista, a negritude, em sua origem, reúne os fenômenos que a antropologia cultural norte-americana designou com o nome de contra-aculturação. É, em suma, o período dos primeiros poemas de Senghor” (DUARTE, 2005, p.586).

É evidente que não há dificuldade em se pensar em uma música negra, numa culinária negra, mas há dificuldade em se pensar em uma escrita negra, em uma escrita que parta da experiência do próprio negro, que esteja comprometida com a oralidade, que traga o posicionamento, a maneira de o sujeito negro se colocar no mundo, interpretar a vida, interpretar suas alegrias, suas dores. Por que isso não pode ser considerado como um material ou como uma opção temática para se produzir uma literatura negra? Por que as perspectivas, as experiências do negro não podem se transformar em um texto literário?

Possuímos um conjunto de representações dos negros na Literatura Brasileira, expresso no espaço na rua, com pouca referência de relações familiares e afetivas, e o que todas essas escritoras e esses escritores fazem é tecer este fio de afetividade, de humanidade, pois temos inúmeros dramas universais: amor, ódio, ciúme, enfim, os dramas que movem a literatura universal, que também estão presentes nas histórias dos negros, sendo que o grande desafio é o de humanizar esses personagens.

A literatura negra muda o lugar do negro na história da humanidade. Sabemos que a literatura brasileira canônica é uma literatura de hegemonia branca, é uma literatura feita por escritores brancos, cuja maioria dos personagens são brancos; já os negros, são escassos, no caso das mulheres, são domésticas ou prostitutas, já os homens, são malandros, maus elementos, ter o negro no protagonismo é um problema muito sério. Quando se tem a presença do negro em uma literatura brasileira reconhecida, canônica, em grande medida temos uma representação marcada por esses estereótipos, a mulata assanhada, por exemplo, que é uma mulher noturna, que é corpo, ela não é alma. Vemos o contrário em uma escrita de autoria negra, e essas figuras emergem como seres humanos na sua integridade.

Machado de Assis: um autor afrodescendente

Avaliamos ser oportuno associar a literatura machadiana da literatura afro-brasileira. Segundo Bernd (1987), o papel da literatura é o de contribuir para a libertação

do povo. A estudiosa afirma que tal libertação é política e mental, cooperando para um seguimento libertário.

Joaquim Maria Machado de Assis era neto de escravos, mestiço. Teve uma infância e uma juventude humilde. Abandonado, foi criado por uma madrastra que também era mestiça. Machado de Assis, para sobreviver, vendia quitutes na rua, que sua madrastra produzia. Dessa forma, desenvolveu-se aquele que no futuro se denominaria de “um escritor caramujo”, isto é, o sujeito que fez uso de mais de dez pseudônimos, na década de 1870, transmuta-se em um artista altamente crítico, irônico e pessimista.

Machado de Assis é uma figura exponencial da literatura de língua portuguesa em todos os países, é um dos principais autores da língua portuguesa, é o grande precursor da literatura negra, o fenômeno da literatura negra se enquadra no século 20, como uma tradição da literatura negra ocidental. Junto com Lima Barreto, Cruz e Sousa, e a maranhense Maria Firmina dos Reis, são precursores. Machado de Assis é um escritor especial, em função de toda a repressão que havia naquele momento, era uma pessoa que dependia de um emprego, possuía um emprego público, dependia desse emprego e estava consciente das perseguições políticas que ocorriam a todas aquelas pessoas que se manifestavam publicamente contra a escravidão. O autor fazia uso da gíngã, do que Luiz Costa Lima chama de capoeirista da palavra, tentando driblar a escravidão, lutando.

Não há herói branco e nem negro na produção de Machado de Assis, seus textos são anti-heroicos, antiépicos. Brás Cubas, por exemplo, é um canalha; Bentinho é um derrotado, e o mais incrível é que temos um senhor de escravos que está morto. Brás Cubas se encontra morto na primeira página do livro, e o autor não enterra, faz esse defunto jogar os podres dessa classe escravista, dominante, ao longo de toda a narrativa, e o mais incrível é que o livro foi publicado primeiro na revista brasileira, ou seja, esse defunto entrava todos os domingos nas casas dos senhores de escravos, apresentado em formato de folhetim, em pequenos capítulos, isso em 1880, oito anos antes da abolição, sendo que o grande livro da abolição, que é o “Abolicionismo”, de Joaquim Nabuco, é de 1883, três

anos depois. Machado de Assis é precursor em vários sentidos, em não fazer uma literatura panfletária, de palanque, ele usa a ironia em vez da retórica de palanque.

É importante enfatizar que encontramos a presença da negritude do referido autor, mais evidente nos contos e crônicas. Alguns biógrafos e pesquisadores o acusam de branqueamento³ e aburguesamento, e completa omissão política⁴ diante das tragédias sociais de sua época, “como a escravidão”. Porém, estes estudiosos admitem esse posicionamento, exatamente porque tem com base suas pesquisas na presença inexpressiva dos negros em suas narrativas. Na posição de mestiço, escritor e funcionário público, não seria sensato expor uma crítica aberta à burguesia, sobretudo em um amplo relato. É difícil saber qual seria o público leitor do autor em estudo, entretanto, supostamente poderiam ser componentes da categoria elitista, escravista, senhorial e branca. E, consequentemente, em suas narrativas, com enorme volume de laudas, seria complexo abordar assuntos referentes à sua afrodescendência.

Conforme Nei Lopes (2006), no “Dicionário Escolar Afro-Brasileiro” Machado de Assis inicia, aos quinze anos de idade, na literatura, pelas mãos do também afro-brasileiro, Paula Brito, editor, principiando um caminho próspero de escritor e jornalista. Não foi possuidor de escravo, não era descendente de burgueses, nem rico, e sim, um servidor que, pelo merecimento de sua obra, convivia de maneira igualitária com a fidalguia do império. Em crônicas, narra que no dia 13 de maio comemorou, nas ruas, a abolição.

As produções literárias mais estudadas de Machado seguramente empregam estratégias que para Eduardo de Assis Duarte, constituem “uma literatura de brancos, uma

³ Machado exprimia-se como um escritor branco que não sentisse o mínimo de sangue negro correndo em seu coração. É o patrono da Academia Brasileira de Letras, numa prova de sua branquitude de inspiração, ficando à margem e pouco se preocupando com movimentos sociais do seu tempo, com a Abolição e a República. (RODRIGUES, 1997, p. 256).

⁴ No ensaio designado Sentimento de Nacionalidade, Machado de Assis afirma que "o que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo que o torne homem de seu tempo e país, ainda quando trate de assuntos remotos e no espaço". Dessa forma é preciso que busquemos em seus textos e não fora deles a inquietação do escritor com a condição política e econômica brasileira.

literatura para os brancos” (DUARTE, 2007). Literatura, conforme Duarte, é um pensamento que unifica o leitor à obra. O recenseamento inicial realizado no Brasil, aproximadamente em 1876, assinala 84% de analfabetismo. A alta sociedade branca comprava seus escritos e, logo, o assunto afro-brasilidade teria aparecido somente nas físsuras do texto, de maneira escondida, em escritos publicados primeiramente em revistas femininas.

No livro “Gênio - os 100 Autores Mais Criativos da História da Literatura” (2003), Bloom classifica Machado de Assis entre os cem mais criativos autores. Exaltou o escritor, já estimado de “gênio da ironia”, à categoria de “milagre”, graças à sua descendência. “Ele é o maior literata negro, creio, da história da literatura universal”, afirma Bloom, depois de se admitir impressionado. Portanto, Machado foi considerado pelo crítico Harold Bloom, como o melhor escritor negro de todos os tempos, tal afirmação, que assustou vários críticos brasileiros, a afrodescendência do criador da Academia Brasileira de Letras sendo reconhecida por um respeitado docente e crítico literário norte-americano.

No campo do discurso literário do tempo de Machado, o desprezo à cultura africana era exposto em escritores que teoricamente eram a favor da abolição da escravidão⁵. O homem negro era frequentemente apresentado estereotipado, representa o negro através de características negativas, segundo aponta Duarte:

(...) os estereótipos do escravo vingativo e assassino, do feiticeiro deformado física e moralmente, ou da mucama pervertida que destrói a família do senhor, estão presentes em *Vítimas e algozes*, de Joaquim Manoel de Macedo; já a mulata assanhada, que seduz e leva o português à perdição, destaca-se nas páginas de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo; e o negro de alma branca, reduzido a cão fiel ao senhor, ajuda a compor a figura do preto Domingos, personagem de José do Patrocínio em *Mota Coqueiro*⁶. Apesar de condenarem

⁵ No campo do discurso político abolicionista o negro era frequentemente considerado como um símbolo e não em sua grandeza humana. O pensamento era findar a escravidão e razões econômicas também faziam parte, além da coerção oriunda de outros países.

⁶ Os autores citados apresentavam uma postura puramente negrista em relação ao negro e sua cultura: “O negrismo, enquanto manifestação especificamente literária, pouco tem a ver com a negritude, termo que engloba

explicitamente a escravidão e de se envolverem na campanha abolicionista, que, inclusive, tem em Patrocínio um de seus líderes, tais autores deixam aflorar em seus textos as marcas discursivas oriundas do pensamento racial hegemônico (...) (2007, p. 251-252).

Em “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), uma situação ligada à escravidão se refere aos Momentos em que se aborda o tráfico negreiro, por meio de um jantar que a família de Brás Cubas organizou em 1814, para celebrar a destituição de Napoleão:

As moças falavam das modinhas que haviam de cantar ao cravo, e do minuete e do solo inglês; nem faltava matrona que promettesse bailar um oitavado de compasso, só para mostrar como folgara nos seus bons tempos de criança. Um sujeito, ao pé de mim, dava a outro notícia recente dos negros novos, que estavam a vir, segundo cartas que recebera de Luanda, uma carta em que o sobrinho lhe dizia ter já negociado cerca de quarenta cabeças, e outra carta em que... trazia-as justamente na algibeira, mas não as podia ler naquela ocasião. O que afiançava é que podíamos contar, só nessa viagem, uns cento e vinte negros, pelo menos (MACHADO DE ASSIS, 2004a: p. 530).

Através da lembrança desse fato da infância de Brás Cubas, que o tráfico de escravos era um tema banal na reunião social organizada por sua família. Os escravos compunham um produto comercial como outro qualquer. Oriundos de Luanda, eram calculados pelo número de cabeças, como se fossem rebanho, e percebe-se o regozijo do submisso, por só nessa viagem virem cento e vinte negros, pelo menos.

As relações entre brancos e negros surgem de duas situações que provam a desconsideração do negro como ser humano. A primeira delas diz respeito à ocasião em que Brás Cubas, na sua infância, quando era apelidado de menino-diabo, admite ter “quebra-

aqueles movimentos, surgidos nos anos 30, que reivindicam os direitos dos negros. (...) A busca do exotismo, a introdução de uma estética baseada na plástica dos fetiches africanos ou das máscaras polinésias e o retorno aos elementos primitivos da cultura. (...) Trata-se de um discurso plástico produzido por uma elite artística branca e europeia que incorpora uma temática negra para divulgá-la junto a um público também branco” (DUARTE, 2005, p. 579-580).

do a cabeça de uma escrava que lhe negara uma colher de doce de coco que estava fazendo” (MACHADO DE ASSIS 2004a, p. 600), e, em seguida, ter arruinado o doce com cinza e feito lamento da escrava à sua mãe.

É clara a relação de autoridade presente na época: mesmo um menino de seis anos detinha mais poder que os escravos, degradando-os com suas atitudes, expressões e acusações. Pouco depois, Prudêncio, uma criança da casa, que era seu cavalo todos os dias, e de quem que se tratava como pomenor.

Ainda no romance “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, a título de exemplo, é acentuada a inclusão da personagem intitulada Prudêncio, quando o narrador-personagem faz a sua apresentação:

Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de ‘menino diabo’; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer a minha mãe que a escrava é que estragara o doce ‘por pirraça’; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, – algumas vezes gemendo – mas obedecia sem dizer palavra ou, quando muito, um – ‘ai nhonhô!’ – ao que eu retorquia – ‘Cala a boca besta!’ (MACHADO DE ASSIS, 1997, p. 526-527, Vol.I).

No conto “Pai contra mãe?”, de 1906, apresenta uma dramática narrativa de perseguição a uma escrava prenha. Negros rebeldes são assassinados por seus “senhores” brancos, que escolhem lhes arrancar a vida do que não possuir mais domínio sobre eles. No final do conto perdura a cruel figura de um bebê nati-

⁷Sinaliza Bernd (1992), que esse conto contribui para reflexões acerca da libertação mental de um povo que, considerando o período da produção literária em destaque, havia se deslocado da condição de escravizado para a necessidade de reconstruir a vida de maneira uniforme na sociedade.

morto, declarada metáfora de uma afrodescendência abortada (MACHADO DE ASSIS, 2001).

Cândido Neves, personagem do conto “Pai contra mãe”, não por escolha, torna-se caçador de servos fujões. Casado, a mulher Clara, grávida, o despejo, os débitos, e o ultimato de perder, para a Roda dos enjeitados, espécie de orfanato existente na época, o filho recém-nascido, expõe uma degradação gradativa, que se modifica mediante a apreensão de uma escrava fugida e preciosa, porque prestes a trazer ao mundo um novo escravo. Das chicotadas rigorosas deriva o aborto, para angústia do dono, “porque perder dinheiro também dói”. Porém, readquirido o filho, Cândido Neves o beija “entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto”. Posteriormente, previsa: “– Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração” (MACHADO DE ASSIS, 2001).

Subentendido no conto, Machado descreve como funcionam certos artefatos físicos e ideológicos utilizados por “senhores” contra seus servos. Um exemplo é o ferro colocado no pescoço, narrado no texto como “uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até o alto da cabeça e fechada atrás com chave”. De forma irônica, tal coleira não era punição e, sim, marca de reincidência. Os escravos se evadiam com constância. Ocorria eventualmente apanharem brutalmente (MACHADO DE ASSIS, 2001).

Interessa-nos, assente a essa reflexão, destacar, no conto “Pai contra mãe”, o fragmento em que o autor apresenta de maneira incisiva a resistência da escrava, no instante que o caçador de escravos lhe arrasta pela Rua da Alfândega, próximo à ocasião de devolução da escrava a seu amo:

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o se-

nhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites, – coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza ele lhe mandaria dar açoites (MACHADO DE ASSIS, 2001, p. 70).

Os verbos arrastar, acoitar, gemer e castigar, selecionados por Machado para descrever esse acontecimento, são bastante estratégicos, à proporção que possibilitam ao leitor observar o nível de selvageria expresso no ato de captura de uma escrava fugida. Podemos comprovar a crueldade de Candinho à súplica de Arminda, ao não atender a alegação de que o filho que ela esperava seria certamente sacrificado perante a pena iminente que lhe seria dada pelo motivo de sua fuga. A réplica de Candinho, culpando-a por engravidar e depois fugir, é de uma perfeita ironia. “Você é quem tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois” (MACHADO DE ASSIS, 2001, p. 64). O anseio pela liberdade foi encarado como um atrevimento da escrava, embora sua tentativa de liberdade expressasse a liberdade também de seu filho. Nessa perspectiva, a culpa, a transgressão, não era do dono e nem ao menos do caçador, mas efetivamente dela.

Infere-se, nessas interpretações, que a ‘rua’, no contexto da escrita de Machado de Assis, por certo favorecia uma inclusão de sujeitos que não constituíssem políticas ou abastadas, não se estabelecendo, portanto, em ambiente público. Posto que o autor admite a posição ideológica de discutir esse padrão de exclusão, ao apresentar as circunstâncias em que as personagens se encontram no ambiente da rua.

É claro que o pensamento de Machado sobre aversão à condição de subalternidade de negros no papel de escravos, ao evidenciar, ironicamente, a maneira pela qual esse segmento populacional deveria ou poderia estar nas ruas. Por esse motivo, conferimos o caráter de literatura negra a determinadas obras do escritor e, em específico, ao conto citado aqui. No conto “Pai contra mãe”, o vocá-

bulo rua é citado quinze vezes. Em todos os momentos a condição de estar nas ruas, para as personagens, expressa o sentido de aflição, desconforto e opressão:

O credor entrou e recusou sentar-se, deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à penhora; achou que pouco. Vinha receber os alugueis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais (MACHADO DE ASSIS, 2001, p. 67).

Em outros fragmentos, no conto “Pai contra mãe” o autor refaz essa significação, como na ocasião em que Cândido Neves arrastou a escrava Arminda pela Rua dos Ourives, rumo à Rua da Alfândega, para “negociar” a venda da mesma com o seu patrão. Em outro momento, Candinho precisa de ajuda para cuidar do seu filho, enquanto caçava a escrava, para isso, saiu da Rua da Alfândega para a Rua da Ajuda. É evidente a presença da ironia na obra, que expõe o caçador de escravos carecendo de “ajuda” para procurar uma maneira de sustentar seu filho na Rua da Ajuda. Em busca desse sustento, Candinho sacrificou a vida do filho da escrava grávida, que não aguentou as malvadezas relacionadas ao instante de sua captura e, conseqüentemente, abortou. Percebe-se a aflição e a opressão do caçador, embora a serviço dos senhores; e da caçada, digladiando-se pelas ruas, sustentando o prestígio da elite.

Explorando o emprego da ambigüidade, da metáfora machadiana, percebemos o silenciamento, recalque, servilismo, sujeição, aflição e, em outra vertente, a denúncia, desvelamento, descobrimento, como verificamos no fragmento irônico “Mas não falemos de máscaras”, que conclui o seguinte trecho:

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. (...) Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; também havia a máscara de folha-de-flandres (...). Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado (...). Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. (...) Mas não cuidemos de máscaras (MACHADO DE ASSIS, 2001).

Na crítica literária brasileira há uma disposição insistente em asseverar que Machado de Assis não esteve envolvido em discussões dos amplos assuntos político-sociais de seu tempo. Foi acusado de se posicionar indiferente em relação às questões nacionais, de ser escritor de uma ficção edificada aos padrões europeus, uma escritura burguesa, aflita em se expressar somente para a elite, e assinalada pela não representação dos marcos nacionais, oposta à prática seguida por José de Alencar e Gonçalves Dias, dentre outros. Nesse raciocínio, a grande crítica possivelmente seja sobre a provável ausência do tema “escravatura” em seus textos, que ecoaria incoerente, face ao seu étnico pertencimento. O pressuposto de ser neto de escravos e pertencer a uma categoria de evidência no campo público determinou a exigência de um posicionamento declarado de confronto ao regime, por isso a querela de abstencionismo.

Contudo, Machado de Assis foi um ácido crítico. As descrições de uma sociedade que procurava sua modernização em meio à intensa constância de vestígios coloniais podem ser encontradas em personagens assinalados pela pretensiosidade, pelo mau caráter, e pelo egoísmo. Com relação à “ausência” do tema sobre escravidão, é necessária apenas uma pesquisa mais centrada em sua produção, para se identificar a incongruência da acusação. Machado destaca efetivamente a temática, mas em conformidade com sua concepção literária, que rejeitava o panfletarismo. A opressão dos africanos e seus descendentes foi analisada especificamente pelo caminho da ironia. Nos romances, presentificam-se em momentos significativos.

A singularidade de Machado de Assis se faz presente em sua consciência crítica evidenciada com argumentos cheios de metáforas e ironias. Adota uma estratégia original, utilizando-se da metáfora e da ironia, método requintado do “mais encolhido dos cara-

mujos”⁸. O Machado ‘caramujo’ aparece ao confidenciar, na crônica “A Semana”, em 14/05/1893, que também fez parte das comemorações que festejaram a Abolição da Escravatura, rompendo, dessa forma, as esperanças dos sujeitos que o apontavam como indiferente perante a realidade:

Houve sol, e grande sol, naquele domingo de 1888, em que o Senado votou a lei, que a regente sancionou, e todos saímos à rua. Sim, também eu saí à rua, eu o mais encolhido dos caramujos, também eu entrei no préstito, em carruagem aberta, se me fazem favor, hóspede de um gordo amigo ausente; todos respiravam felicidade, tudo era delírio (1997, p. 583).

Machado se retrai, assim, como um caramujo, enquadrando-se de modo disfarçado em uma concha, na intenção de atender às vontades dos poderosos e donos dos jornais. Nos referimos a uma postura distinta do ‘panfletarismo’, e produto de uma extraordinária ironia. Dessa forma, desconstrói o sensacionalismo disfarçado nesse estilo. As argúcias e os permanentes resvalos de sentido distinguem uma solução descoberta pelo autor-caramujo para censurar o sistema. Outra arma empregada pelo autor é a poética da dissimulação. As personagens afrodescendentes, distintas por sua situação real de vulnerabilidade social e econômica face a um sistema, na condição de escravos, apenas possuem uma arma para combate, um posicionamento dissimulado.

É importante ressaltar que Machado de Assis, no período de publicação do conto “Pai contra mãe”, escrevia para um sucinto número de alfabetizados, esclarecendo algumas vezes como sobreviviam outros grupos, assim como a miséria que levava um indivíduo a perseguir escravos fugidos, e a razão da Roda dos inocentes ser uma saída para o filho que um homem sem ofício e uma costureira não seriam capazes de prover. É notória, no conto, a desgraça humana, através do drama de um pai que luta contra uma mãe, fugida, escrava, que possivelmente vaga pelas ruas à procura de uma sorte melhor.

⁸ O próprio Machado se autodefinia como “o mais encolhido dos caramujos”.

O enredo do conto traça uma relação entre a perversa condição social e estrutural, e o regime escravocrata, que faz com que o povo negro seja o mais explorado no país pela elite. Desempenha, além disso, o papel social de nos informar a respeito de atuais formas de escravidão, como exemplo, a trágica e contraditória repartição de proventos na sociedade nacional. Através da luta entre um pai miserável e uma mãe fugitiva e escravizada, nos é apresentado o infortúnio humano. O pai tenta se redimir, alegando a troca de uma vida por outra. Brota, de tal modo, uma escritura crítica a respeito do regime escravocrata no Brasil, por um autor considerado mestiço, visto como alienado, acusado de omissão, com referência ao regime de escravidão que persistiu no decorrer de sua vivência.

Considerações finais

Para o pesquisador Eduardo de Assis Duarte, a produção de Machado apresenta o negro como indivíduo: honesto, desonesto, esperto, ingênuo, com seus altos e baixos. Pontos que já diferem Machado de Assis dos demais escritores de seu tempo, que consideram o negro como um sujeito de segunda classe. Machado enxergava alguns atos de rebeldia, ou de esperteza, em relação aos escravos, como sinais de autêntica defesa. Distinto de vários, que até mesmo realizavam campanhas abolicionistas, como Aluísio de Azevedo, que em seu livro “O cortiço” expõe a negra de maneira totalmente estereotipada, apresentando o branco superior racialmente.

O que importa, interessa na escrita do autor em estudo é o que não se vê, o que está nas entrelinhas da escrita. Nota-se que Machado não era alienado, mas um indivíduo ciente e observador da sociedade da qual fazia parte, e a descreveu com uma astúcia, como arduamente pudessem retratar.

Outro aspecto importante é que a obra de Machado não defende o racismo através da estereotipação negra. Contrariamente, sua narrativa realiza uma denúncia ao racismo, ao relatar as relações desarmônicas entre senhores e escravos, e as tiranias cometidas aos negros.

Machado foi um formidável escritor, usou métodos variados e gêneros distintos para discutir a igualdade entre o povo brasileiro e as violências aos afrodescendentes. Não criou personagens negros por meio de estereótipos. Foi um escritor afrodescendente que produziu textos contra o sistema escravista, por meio de artigos, nos quais sua visibilidade era disfarçada pelo anonimato ou pseudônimos. Enfatizamos que algumas pesquisas atuais apresentam o escritor oculto, assim como um caramujo. Portanto, delineando a obra Machadiana como afro-brasileira.

Consideramos que embora Machado de Assis não tenha se autodeclarado negro, não se sabe, publicamente, que tal atitude tenha ocorrido; sua literatura tem as marcas desse envolvimento/compromisso. No conto “Paí contra mãe”, por exemplo, a crítica ao sistema escravocrata se torna completamente evidente.

Nessa perspectiva, cremos que a produção machadiana permite uma visão crítica sobre o embate sócio-histórico que marcou, por séculos, a relação de subalternidade de descendentes de africanos no Brasil.

MACHADO DE ASSIS AND LITERATURE AFRICAN-BRAZILIAN: A READING UNDER THE BIAS OF LITERARY CRITICISM

ABSTRACT: We will in this article address the Machado de Assis literature, with regard to the discussion of african-Brazilian literature, based on studies of Eduardo de Assis Duarte, exposed in the book "Machado de Assis: african descent". We consider it appropriate to relate Machado literature african-Brazilian literature. Our main interest will reflect on the highlight of the black in Machado's writing. As pointed out by the critic Eduardo de Assis Duarte, the slave in Machado, is not the protagonist, but, extra, although in youth, in some texts, have put, even tragically, the woman as protagonist. We evaluate, so that the writing of Machado does not advocate racism by black stereotyping. In contrast, the narrative makes a complaint of racism, report the dissonant relations between masters and slaves, and tyrannies committed against blacks, enabling a critical view of the socio-historical shock and subordinate relationship of African descent in Brazil.

KEYWORDS: Afro-Brazilian literature; Literature critics; Machado de Assis.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. *A poesia afro-brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 1943.

_____. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

AUGEL, Moema Parente. *Geografias imaginárias: África na poesia afro-brasileira contemporânea*. (no prelo). Cedido pela autora via e-mail em 04/05/2008. (Outras informações sobre o assunto em AUGEL, Moema. A imagem da África na poesia afro-brasileira contemporânea. Afro-Ásia. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), Universidade Federal da Bahia (UFBA), 1997, n° 19/20, p. 183-199.)

BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

_____. *Poesia negra brasileira*. Porto Alegre: AGE; IEEL; IGEL, 1992. Porto Alegre: AGE; IEEL; IGEL, 1992.

BLOOM, Harold. *Gênio: os 100 autores mais criativos da história da literatura*. Tradução José Roberto O'Shea. São Paulo: Objetiva, 2003.

BROOKSHAW, David. *Raça e Cor na Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

RIBEIRO, Esmeralda. *Cadernos Negros*, n. 30, Contos Afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2007.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e Afrodescendência*. Capturado do Portal LITERAFRO do site da Universidade Federal de Minas Gerais em 20 de abril de 2008.

_____. *Machado de Assis afro-descendente*. Belo Horizonte: Palas/Crisálida, 2008.

_____. *Literatura, política, identidades*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

_____. *Herança maldita*. Carta Capital. Entrevista concedida a Tory Oliveira. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/educacao/heranca-maldita>. Acesso em: 02 fev. 2016.

FONSECA, Maria Nazareth (orgs). *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza: PUC Minas, 2002.

LOPES, Nei. *Dicionário afro-brasileiro*. Santo André: Selo Negro, 2006.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In: Obra completa. Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 1997. v. I.

_____. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In. MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra Completa*, v.1 (Romance). Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 2004.

_____. *Pai contra mãe*. In: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Contos escolhidos. São Paulo: Martin Claret, 2001.

RODRIGUES, Ironildes. Introdução à Literatura Afro-brasileira. In: *Thoth*, n. 1. Brasília: Gabinete do Senador Abdias Nascimento, jan./abr. 1997, p. 255-256.

*Recebido em 05/07/2016.
Aprovado em 30/10/2016.*